AS RELAÇÕES ENTRE O PROCESSO TRANSEXUALIZADOR E OS ESPAÇOS VIVENCIADOS PELOS HOMENS TRANS NA CIDADE DE PONTA GROSSA - PR

Emely Aparecida de Mello (PIBIC/CNPq/UEPG); Joseli Maria Silva (Orientadora)
joseli.genero@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Geociências

Geografia, geografia humana.

Palavras-chave: Identidade de gênero; espaço; processo transexualizador.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender as relações entre o processo transexualizador e os espaços vivenciados pelos homens trans na cidade de Ponta Grossa – PR. Para atingir este objetivo foram realizadas três entrevistas com homens transexuais que estão em processo de transformação de sua identidade de gênero com idades entre 19 a 27 anos. Constatou-se que o processo de identificação com o gênero oposto de sua designação ao nascer iniciou na infância. A dinâmica do processo transexualizador envolveu tensões familiares e dificuldades de apoio institucional. As transformações corporais decorrentes do processo transexualizador envolveu discriminação, notadamente nas instituições educacionais e de saúde.

Introdução

Ao estudar sobre os sujeitos que não correspondem à ordem social hegemônica, relatamos algumas rejeições de alguns familiares, mesmo os respeitando ainda há uma barreira na aceitação dos sujeitos, como evidencia o trecho de entrevista:

> *"Então... Com meu pai não tipo, não tem muita conversa assim, ele não aceita e ele não vai mudar, ele já falou. Minhas irmãs quando eu contei, elas me olharam e falaram tipo "a sério me conte uma novidade agora". E dai a minha mãe ela ficou meio assim sabe, tipo "a tá bom né, se é isso que você quer não sou eu que vou impedir"."* (Entrevista realizada com Garen em 19 de Abril de 2017)

Assim, esta pesquisa justifica-se por produzir um conhecimento sobre sujeitos invisibilizados socialmente e compreensão sobre o assunto, ainda pouco debatido em sociedade. Além disso, Silva (2009) argumenta que os estudos sobre gênero e sexualidades ainda são pouco desenvolvidos no Brasil e sua produção deve ser incentivada.

Materiais e Métodos

Para atingir o objetivo proposto foram entrevistados três pessoas que se auto identificaram como sendo homens transexuais com idade entre 19 e 27 anos, sendo

um deles negro e os outros brancos. Dois dos rapazes não seguem uma religião e o outro é católico não praticante. As entrevistas foram transcritas na íntegra e o conteúdo foi analisado por meio de análise de conteúdo. Os nomes adotados para este trabalho são todos fictícios para preservar o anonimato e privacidade da pessoa entrevistada.

Resultados e Discussão

A sociedade ocidental moderna organiza os corpos, gêneros e sexualidade a partir da dualidade entre machos/homens e fêmeas/mulheres. Silva (2009), baseada na concepção da filósofa Judith Butler argumenta que não há linearidade entre sexo, gênero e desejo. O gênero para esta autora é performático. Ou seja, não existe o gênero em si, mas práticas repetitivas que constroem a ideia do gênero bipolarizado entre homens e mulheres. Outras formas de vivências que não se encaixam na heteronormatividade são consideradas socialmente como sendo desviantes e anormais.

Sujeitos que transgridem a ordem social e institucional sofrem as consequências de punições para que a ordem se reestabeleça. Estes sujeitos que não correspondem à norma estabelecida são considerados como sendo serem 'abjetos'. A ideia de abjeção se constitui na medida em que as pessoas que transgridem a heteronormatividade acabam não tendo os direitos sociais, humanos e civis.

As pessoas entrevistadas se autodenominam homens trans que significa para eles a transformação de sua identidade de gênero de feminina (atribuída ao nascimento) para masculina (construída ao longo de sua experiência). Relatam que o estranhamento entre o corpo com designação feminina no nascimento tinha conflitos com o psicológico que identificava como sendo homem. Contudo, a ideia de transexualidade não era clara, pois alegam ter passado por dúvidas e questionamentos sobre sua identidade, mas não tinham muito acesso às informações sobre isso.

O processo de mudança de gênero é uma decisão que não é intempestiva. É algo que vai se constituindo em forma de questionamentos de inadequação do gênero em relação á aparência corpórea. As intervenções de hormonização ocorreu de forma mais conflitiva para dois dos entrevistados e de forma mais tranquila para um deles. De toda forma, a decisão é algo que se constrói em longo prazo. A construção da ideia sobre serem transexuais, veio por meio da internet e pesquisar. Entretanto, um dos entrevistados relata dificuldades para se entender por não ser algo tão visibilizado. Assim, o que é ser um homem para eles é uma construção cultural, porém vai além do físico e da genitália. Como vemos em um trecho de um dos entrevistados:

> *"... a gente tenta escapar desses padrões que as pessoas colocam e com certeza ser homem ta no padrão cultural e tal. Por que eu fui criado de um jeito, em uma cultura que eu tinha que ser mulher e tal, e eu nunca fui mulher. É algo de sentir, é de ser."* (Entrevista realizada com Garen em 19 abril de 2017)

Um dos grupos sociais que não são respeitados socialmente em seus direitos são as identidades transexuais. A transexualidade está vinculada a constituição identitária de sujeitos que possuem um corpo categorizado e classificado socialmente pela sua genitália, mas que possui uma identidade de gênero que não corresponde à ordem

linear entre sexo-gênero. Dentre os vários grupos, esta pesquisa está desenvolvida a partir do grupo de homens trans. Homens trans são pessoas que recebem uma designação de gênero feminino ao nascer porque a classificação do gênero é concebida socialmente à partir da forma corporal. Entretanto, sua identificação de gênero é masculina. Estes sujeitos buscam transformar seu corpo para atingir conforto psicológico e obter uma aparência compatível com a identidade de gênero masculina. A dinâmica para conseguir a hormonização para dois dos entrevistados foi pelo SUS e para outro foi particular, sendo que o mesmo alega não conseguir pelo SUS. Um dos entrevistados fala sobre ter feito a hormonização por conta durante três anos e pela CPATT (Centro de Pesquisa e Atendimento para Travestis e Transexuais) á alguns meses.

A relação familiar para todos os entrevistados foi conturbada, desde o primeiro momento de mudança, não somente por conta do hormônio, mas a partir do momento que os mesmos se identificaram como sendo homens trans, causando certo estranhamento aos familiares, mas que os respeitaram. Porém, alguns têm dificuldade em trata-los pelo nome social.

O apoio de das instituições foi bem conturbada para um deles, sendo que o mesmo alega que por conta da demora do encaminhamento pelo SUS, desistiu e procurou atendimento particular. Para os outros dois, tiveram apoio da ONG Renascer e na CPATT.

Dois dos entrevistados falam sobre alguns desconfortos com as transformações do corpo, o outro está no começo da hormonização, assim não tem muito a se referir sobre. A maior implicância é a questão das acnes, ansiedade e o estresse. Porem, dizem lidar bem com as transformações do corpo. Assim, suas realizações, até o exato momento, afetaram bastante em sua autoestima. Causando um bem estar, um empoderamento a eles.

O espaço é componente da vida social. Corrêa (1993) argumenta que o espaço é reflexo e condição da sociedade que o cria. Assim, em uma sociedade heteronormativa, os espaços são organizados majoritariamente pela lógica do gênero bi-polar. Pessoas que fogem à regra bi-polar vivenciam constantes constrangimentos porque os espaços não acolhem suas identidades. Assim, o preconceito acaba se tornando algo do dia a dia dos indivíduos, até as mudanças físicas, por conta da hormonização, serem mais visíveis.

Os rapazes entrevistados alegam no começo de sua transição passarem por situações constrangedoras e de preconceito. Sendo com maior frequência nas instituições educacionais, de saúde e esporte. Dois dos entrevistados praticam ou praticavam algum esporte. Assim, um deles relata que provavelmente não participe dos campeonatos e também fala sobre ter saído de aulas de karate por sofrer preconceito. Outro entrevistado relata preconceito em espaços de saúde, antes de começar a terapia hormonal.

A maioria da população acaba cometendo enganos sobre a identidade de gênero e orientação sexual. Ambos são distintos, sendo a identidade de gênero como a pessoa se identifica, podendo ser homem ou mulher ou não binários, já a orientação sexual é com quem a pessoa se relaciona por quem se sente atraído. Porem pela falta de informação, as pessoas confundem. Como evidencia esse trecho da entrevista:

> *"... dai teve uma vez que eu fui aplicar no pronto socorro uma técnica de enfermagem pegou e falou assim pra mim é "mas me diga uma coisa, se eu ficar com você eu vou ser lésbica?"(...) ai*

> *eu falei pra ela "tá, mas e se você visse eu na rua, se você não soubesse de mim, o que você ia ver? Ia ver um homem né, então"."* (Entrevista realizada com Draven 04 de Maio de 2017)

Sendo o Brasil o país que mais mata pessoas trans, elas acabam perdendo muito espaço em sociedade por conta do medo. Mesmo com tantas abordagens na mídia sobre o assunto, ainda há muito preconceito.

Conclusões

Está pesquisa indicou que o processo transexualizador dos homens trans, começa desde a forma de se vestir até a vontade de ter o físico mais masculino, assim fazendo terapia hormonal, acompanhamento psicológico e cirurgias. Pela falta de informações na época de suas identificações, tiveram muito transtorno principalmente na própria família. Porem, com o tempo, tem o respeito desejado pela grande maioria. Nos espaços do cotidiano dos homens trans, antes da hormonização, os mesmos vivenciaram situações constrangedoras. Dando ênfase principalmente em algumas instituições de saúde, que até após começar a terapia hormonal, por conta que ainda não retificaram o nome, acabam passando por constrangimentos.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ pela concessão da bolsa de Iniciação Científica e à UEPG pela formação intelectual recebida. Agradeço ao Grupo de Estudos Territoriais pelo acolhimento, especialmente a Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat pelo comprometimento durante a pesquisa.

Referências

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1993.

NERY, João Walter. **Viagem Solitária: Memórias De Um Transexual 30 Anos Depois**. 1. Ed. Rio de Janeiro: LEYA BRASIL, 2011, 336 p.

SILVA, Joseli Maria. Apresentação In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 13 – 21.

SILVA, J.M et al. corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para a análise no Brasil. In SILVA, J.M, ORNAT, M.J, CHIMIN JR, A.B. **Geografias malditas corpos, sexualidades e espaços.** Ponta Grossa Todapalavra, 2013, p. 85-113.